

# CIÊNCIA, INFORMAÇÃO E DESENVOLVIMENTO

## DESAFIOS E PERSPECTIVAS PARA MOÇAMBIQUE

Manuel Valente Mangué

### Resumo

O Artigo procura analisar o actual contexto do país - marcado pelo processo de desenvolvimento em meio a desafios, privações e vulnerabilidades sociais - à luz dos fundamentos da Ciência da Informação e da Comunicação, isto é, a partir do Dado, por e do Signo, como elementos nucleares nesses campos de saber. Entre outros pensadores, Foucault (2012), Morin (1966), Mudimbe (2013) e Mazula (1995) mostram-nos que, diante do contexto moçambicano e outros, a análise da realidade deve ser feita a partir da Complexidade (Morin, 1966). Neste sentido, o desenvolvimento remete-nos à necessidade de autonomia, não apenas económica, mas também simbólica e conceitual.

### Abstract

*This article analyzes the current context of Mozambique - marked by a development process amid challenges,*

*deprivations and social vulnerabilities - based in the fundamentals of Information and Communication Science, i.e, from Data, on the one hand, and the Sign, on the other, as nuclear elements in these fields of knowledge. Based on authors such as Foucault (2012), Morin (1966), Mudimbe (2013), Mazula (1995) among others, shows that in the Mozambican context and beyond, the analysis of reality must be done from the perspective of Complexity (Morin, 1966). In this sense, development refers to the need for autonomy, not only economic, but also symbolic and conceptual.*

### Introdução

Moçambique está num contexto de desafios acentuados, agravado pelo estado prolongado de choques - entre eles os conflitos armados em Cabo Delgado, responsáveis pelo deslocamento forçado de mais de 1 milhão de

moçambicanos (IOM, 2024) - e os climáticos, com efeitos severos sobre a vida de pessoas, casas, infra-estruturas e serviços. De forma associada, a pandemia da COVID-19 afectou, de abril a junho de 2020, mais de 89 mil empresas, com perdas de cerca de 40% no volume de negócios (INE, 2020). Ainda nesta senda, de acordo com o Relatório da Avaliação do Impacto Humano da COVID-19 em Moçambique (HIA), perderam emprego cerca de 19,8% de trabalhadores em Maputo; 9,2% em Sofala; e 8,6% (PNUD/MEF, 2022).

A contracção económica, com média de 2,7% nos últimos cinco anos - chegando ao crescimento de -1,28% em 2020 - é, também, uma das características do contexto nacional, o que agrava, também, a taxa de pobreza, tendo subido de 48,4% para 62,8% entre 2014/15 e 2019/20. Neste intervalo, a percentagem de agregados familiares em situação de privação aumentou de 71% para 78,3% no mesmo período (BANCO MUNDIAL, 2023). Neste âmbito socio-económico, o contexto nacional é, também, marcado por elevados índices relativos de desemprego - 19,6% em média (IOF 2022) - e pela informalidade - 83,3% em média (INFOR 2021), esta última representada por baixo rendimento, precário e volátil.

A educação e as condições de vida são igualmente desafiantes no país, situações estas marcadas por desigualdades regionais, com cerca de 61,1% de analfabetismo em Cabo Delgado e 8,6% em Maputo Província; cerca de 21,8% de cobertura eléctrica em Cabo Delgado e 80% em Maputo Província. A percentagem de agregados familiares com três refeições por dia é de cerca de 11,2% em Cabo Delgado, contra 46,5% em Maputo Província.

É neste contexto específico e de desenvolvimento que o debate epistemológico da Ciência da Informação (CI)

contribui para a compreensão do desenvolvimento a partir da construção do sentido em Moçambique.

## Informação, Espistemologia e a construção do sentido em Moçambique

A CI tem como objecto de estudo a informação. Neste caso, para além de estudar as suas propriedades, a CI dedica-se ao estudo do comportamento da informação, assente em três principais paradigmas, entre eles o social (CAPURRO, 2003)<sup>1</sup>, voltado para as possibilidades de busca e de apreensão de conhecimento colocadas ao sujeito, isto é, contemplando o seu papel na construção da sociedade. Nesta perspectiva, os processos informacionais são socialmente construídos, considerando as vivências dos sujeitos (ZAMMATARO *et al.*, 2021). A informação é, portanto, uma construção social.

Nesta mesma perspectiva, Capurro e Hjørland (2007) salientam:

A CI tem-se voltado para os fenómenos de relevância e interpretação como aspectos básicos do conceito de informação. Esta mudança não é, de forma alguma, um retorno a uma teoria subjetivista, mas uma avaliação das diferentes perspectivas que podem determinar, em contexto particular, o que está sendo considerado informativo, seja isto uma coisa ou documento (CAPURRO e HJORLAND, 2007, p. 150).

Coisa (BUCKLAND, 1991) ou dado - visto como qualquer coisa com existência real - pode ser analisada a partir da Teoria do Significado, de Charles Peirce (1905), segundo a qual os diferentes significados dos termos que usamos

1. Para Capurro (2003) estão, entre os paradigmas da CI, o físico, o cognitivo e o social.

são ferramentas mais ou menos eficientes para ajudar-nos a alcançar o que pretendemos. Ou seja, a informação é o dado munido de sentido (signo); sentido este para o qual o contexto específico é determinante. O signo, e do ponto de vista da semiótica, é observado em três categorias: a *Primeiridade*, a *Secundidade* e a *Terceiridade*.

A Primeiridade é observada sem nenhuma relação com qualquer outra entidade, refere-se à *"abstração pura"*, às sensações, aos sentimentos, ao intangível e indescritível. É a categoria do ser. A Secundidade é a *"categoria da ocorrência, daquilo que se manifesta, da existência [...] participante de uma relação diádica"*; é a categoria do registo do sentimento. Já a Terceiridade tem a ver com a regularidade, com a lei, teoremas ou paradigmas. Assim, na Terceiridade as coisas são mais elaboradas, governadas por normas pré-estabelecidas, reduzindo a produção de outros interpretantes, se não o que se é dado, como é no caso dos símbolos.

Os símbolos, portanto, são constructos sociais e sofrem a confluência das relações de poder prevaletentes, fora e dentro de determinado contexto, neste caso, no do poder simbólico, é fundamentalmente um poder de construção da realidade. Isso significa que o conceito das coisas pode ser analisado no nível da (infra-) estrutura, principalmente a nível da super-estrutura, isto é, a partir do modo como formulamos o pensamento e a nossa visão de mundo e como esse mundo se nos é apresentado. Nestes termos, no dizer de Capurro e Hjørland (2007), *"devemos considerar os dois contextos básicos nos quais o termo informação é usado: o acto de moldar a mente e o de comunicar o conhecimento. Obviamente, estas duas acções são intimamente relacionadas"* (p. 155 - SIC).

Esta perspectiva tem um significado ainda mais profundo quando se trata de sociedades recém-independentes, cuja experiência ainda é simbólica e essencialmente marcada pelos modos coloniais de existência. Neste contexto, o poder simbólico está presente e os seus efeitos são tão eficientes e eficazes quanto a força física, conforme testemunha Bourdieu (1989). Segundo o autor, o poder simbólico é *"[...] quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou económica)"* (p.14 - SIC).

É nessa ordem de ideias e a esse nível que Bigo (1974) e Mudimbe (1988) salientam que a colonização [e a pós-colonização] não seria possível sem a cumplicidade das mentes nativas. Ou seja, sem a *"reforma das mentes nativas e a integração de histórias económicas locais segundo a perspectiva ocidental"* (p. 16), facto observado por Bigo (1974) ao destacar que *"não existe qualquer dúvida de que o colonialismo directo ou indirecto provoca, sempre, nesses países a experiência de domínio cultural, uma contaminação tão profunda como oculta..."* (p. 24). Nestes termos, significa que os paradigmas e modelos de desenvolvimento nos nossos países - e na medida em que a realidade prevaletente é supostamente abstrata - se valem, inclusive, da cumplicidade de quem sempre esteve em desvantagem. Ou seja, *"os estilos de vida e os modos de pensar das nações dominantes tendem a impor-se sobre as nações dominadas. Além disso, são aceites, até mesmo procurados. Os modelos surgem, sendo alienados certos factores para as pessoas que os adoptam"* (BIGO, 1974, p. 24). É, também, como arremata Bourdieu (1989), ao reconhecer que *"é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem"* (p. 7 - 8).

São modelos de desenvolvimento que se impõem de forma onnipresente e hegemónica na sua forma de ser e estar independentemente da territorialidade, o que leva Mudimbe (1988, p. 61) a reconhecer que entre nós ***“alguns africanos foram violentamente domesticados, intelectualmente falando”***.

Nesta perspectiva, são modelos – simbólicos, conceptuais e informacionais – que, uma vez desconexos de contextos específicos, procuram iludir a nossa atenção. Com isso, prevalece uma tensão entre a modernidade, frequentemente apresentada como desenvolvimento, e a tradição, ao mesmo tempo que são cada vez mais frequentes e eficientes os ataques contra a moral – a anti-filosofia – prevalecendo, com efeito, os conteúdos funcionais e formais sobre a sepultura dos conteúdos históricos e locais. Há, também, com isso, uma ridicularização e banalização de todo o modo de ser local, num cenário em que a realidade é descrita e apresentada de forma superficial e fragmentada, impossibilitando, desde modo, a visão do conjunto.

Prevalece, portanto, e em última instância, o saber dominado (FOUCAULT, 2012): um saber domesticado, empacotado e pasteurizado. Com efeito, os conceitos através dos quais equacionamos a nossa realidade são conceitos vazios. É através do seu simulacro – ideário (MILTON SANTOS) – e que traz consigo uma carga de significação já atribuída. É uma realidade suspensa, recortada, despedaçada, deslocada, invertida, caricaturada, teatralizada (FOUCAULT, 2012).

Nestes termos, Amin (1964), Wallerstein (1979), Mudimbe (1988) já alertavam que, em consequência desses modelos e de uma forma de estar essencialmente capitalista, se iniciou um processo de subdesenvolvimento em todos

os lugares onde o colonialismo ocorreu e esse processo pode ser resumido em três pontos:

Primeiro, o sistema capitalista mundial é de tal forma que partes do sistema se desenvolvem sempre à custa de outras partes [...] segundo, o subdesenvolvimento das colónias não só corresponde a uma ausência de desenvolvimento, mas também a uma estrutura organizacional criada [...] Em terceiro lugar, apesar do seu potencial económico, as colónias não têm capacidade estrutural para a autonomia e para o crescimento sustentado, já que o seu destino económico é determinado, em larga medida, pelos países desenvolvidos (MUDIMBE, 1988, p. 17).

Com isso, fica evidente que estamos numa relação de poder. O Poder é, acima de tudo, uma relação de força. Neste caso, anos após o fim da colonização formal, verifica-se que através deste poder simbólico se procura ***“reinscrever perpetuamente essas relações de força, através de uma espécie de guerra silenciosa, nas instituições e nas desigualdades económicas, na linguagem e até no corpo dos indivíduos”*** (FOUCAULT, 2012, p. 275 - SIC).

O desenvolvimento, portanto, implica compreender que esta relação de força se perpetua ao nível das organizações internacionais, dos países, das instituições e dos indivíduos (a maioria dos quais, uma vez domesticados, vêm na manutenção da lógica colonial de existência uma vantagem competitiva e comparativa), ao que Mveng (1983, p. 141) nos faz lembrar que ***“se a soberania política é necessária, a soberania científica talvez seja a mais importante***

*para a África actual*”, o que significa fugir do saber dominado e do conforto das ideias pré-estabelecidas, cientes de que *“todo o conhecimento está enraizado numa vida, numa sociedade e numa língua que tem uma história; e é nessa própria história que o conhecimento encontra o elemento que lhe permite comunicar com outras formas de vida, outros tipos de sociedade e outros significados”* (FOUCAULT, 1973, p. 372).

Isso implica encontrar modelos autóctones para as nossas sociedades, que contam, por exemplo, com cerca de 95% da força de trabalho activa, engajada no sector informal, mas sujeita a uma estrutura hegemónica, formal-normativa e elitista, que se impõe de forma homogénea em todos os sectores e instâncias. No entanto, o alcance destes novos modelos e da realidade encontram também barreiras, a mercê da actual era informacional.

## A construção da verdade em Moçambique: Pós-Verdade, meta Verdade e Para-Verdade

antes de mais, Carvalho e Mateus (2018) sugerem que a Pós-Verdade *“[...] não chega a ser uma mentira, nem tão pouco uma verdade”* (p. 6). Segundo estes autores, a Pós-Verdade tem como base a banalização da verdade, de modo que nenhuma racionalidade é útil na formação da opinião pública, o que cria confusão sobre a realidade. Silva et al. (2022) reforça esta ideia ao caracterizar a Pós-Verdade através do relativismo epistémico e de um saber baseado nas convicções individuais. Essa é a mesma perspectiva da Meta-Verdade - em que “verdades” de contextos específicos são transpostas para outros sem uma análise substancial do seu

conteúdo - ou da Para-Verdade (ou não-Verdade) - em que uma fracção da “verdade” é generalizada, fazendo-se essa fracção passar pelo todo, ou seja, pelo conjunto da “verdade”.

Para além do conceito de Infodemia, marcado pelo elevado volume de informação, incluindo de relevância e credibilidade duvidosas sobre determinado assunto num determinado período, Silva et al. (2022) chamam a atenção para o perigo da Infociação, representando a *“dificuldade em digerir o excesso de informação oferecida no meio digital e em distinguir a qualidade, a veracidade e a relevância desta informação a ser absorvida”* (PEDRO, 2021<sup>2</sup> apud SILVA et al., 2022, p. 26), processos que, conforme o referido, agudizam as dificuldades de emancipação e de produção de sentido a partir de uma estrutura simbólica não condicionada previamente e, com isso, desnutrida de condimentos históricos e locais.

Sob a égide do poder simbólico, sem uma soberania científica, isto é, fora de um conhecimento enraizado, e sem os fundamentos - históricos e locais -, o desenvolvimento das sociedades africanas é limitado pelo estado de anorexia conceitual, através da qual equaciona esse desenvolvimento, estado agravado pela velocidade e instantaneidade de transmissão da informação, como característica da actual era, o que conspira contra a constituição da verdade. Enquanto isso, como resultado, em contrapartida, assiste-se à proliferação da crítica a coisas, dispersa, descontínua e vazia do ponto de vista finalístico, na medida em que esta crítica não se faz acompanhar pela análise, um mergulho conceitual mais profundo em busca da essência das coisas.

Isso, diante da verdade algemada, não só deturpa a compreensão científica da realidade, mas também

2. PEDRO, K. M. Competências digitais e segurança na internet: informativo e orientações para pais, professores e estudantes [Internet]. [Marília]: UNESP, 2016. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/148563>.

culmina com o emagrecimento da moral e da ética. A visão de mundo, ao mesmo tempo reducionista e redutora da realidade, culmina com a castração progressiva da identidade. Leva ao emagrecimento da esperança e à erosão da confiança entre os sujeitos sociais, o que, de forma prática e concreta, sobretudo no campo de actuação política e social, ancorado nas relações sucessivas de poder (individual ou colectivo), conspira para que se instaure, nestas sociedades, em última instância, um ecossistema de delinquência, um ecossistema de delito que é auto perpetuante. Instaura-se, com isso, uma tirania de cooptação e de delito, o que põe em causa a sua existência como sociedades de direito e democráticas.

Assim sendo, num contexto de vulnerabilidade acima descrito, marcado por elevadas taxas de analfabetismo, sobretudo o analfabetismo funcional, e por elevadas taxas de indivíduos fora do sistema educacional, marcado pela restrição de conteúdos curriculares, pelo difícil acesso aos meios de vida e por precárias condições de vida, contexto este associado e dominado por um saber simbolicamente domesticado (não só nas suas práticas, mas também no paradigma e na forma como se equaciona o desenvolvimento), amplia o fosso entre o que se sabe e os anseios das populações: primeiro, no sentido de compreenderem a sua própria realidade e, segundo, no que diz respeito ao uso competente dos meios hegemónicos e homogéneos de produção.

Para estas minorias sociais, o desenvolvimento, ainda que alheio a elas, veio rápido demais e as suas metas são universais, apesar dos distintos pontos de partida. Estas minorias são chamadas a erradicar, ao mesmo tempo, aquilo que nelas afecta a sua grande maioria, fazendo

com que entrem num processo de queima de etapas e fazendo com que vivam a ilusão de pertença e a humilhação de uma não pertença efectiva a esse desenvolvimento, o que constitui uma fonte latente de tensões sociais.

Estas sociedades têm as suas prioridades deturpadas, mas os efeitos e impactos dessa deturpação são retardados, evitando-se a possibilidade de se estabelecer uma conexão com a ideologia dominante, uma vez que estes vêm sob a forma de efeitos colaterais.

## Considerações Finais

Como alternativa, de facto, as sociedades africanas devem buscar a sua autonomia e ressignificação simbólica. Elas devem resistir a não-Verdade e à Meta-Verdade, isto é, a ideia da homogeneidade conceitual e produtiva: como ***"tendência para o mesmo, para a equivalência, para o repetitivo"***, citando Mazula (2000, p. 34).

Superar essa angústia de identidade e compreender ou conceptualizar a realidade que nos cerca, implica compreender os múltiplos factores, incluindo a dimensão dos sujeitos sociais, cientes de que o conceito resultante é necessariamente o conjunto de elementos e das interacções que o constituem e a inter-relação entre esses elementos. Isso não se trata de abolir a responsabilidade dos sectores representativos nestas sociedades, mas de ampliar a morfologia e a semântica do conceito em questão, dentro do seu contexto geral e específico de ocorrência. Seja o conceito de educação, do trabalho, do emprego ou outros conceitos essenciais à reprodução de uma vida condigna nestas sociedades.

A análise da realidade deve ser feita a partir da *complexidade*: de forma sistémica, dialógica e holográfica, como diria Morin (1996), na medida em que as partes de um conceito são menos reais do que a relação entre elas e na medida em que o todo é maior do que o total e, ao mesmo tempo, menor do que ele (holografia). A instauração de um Fundo para a Educação Básica, por exemplo, que não tem a ver com a gestão escolar, mas com o aluno, é uma dessas abordagens integradas ao contexto histórico, local e baseadas na complexidade, na medida em que articula, por exemplo, a alimentação e o transporte escolar com o desenvolvimento económico local, contemplando mecanismos de participação e de simbiose entre o mercado formal e informal organizado localmente e longe do formal-normativo próprio dos contextos exclusivos das zonas urbanas. A redução das desigualdades, seja de género, regional ou outra, é, também, uma dessas abordagens que deve contar com Políticas Afirmativas, a via Competitividade Assistida. Só nesta perspectiva isso deve ocorrer, sob o risco de deturpar o sentido mais profundo da sua razão de ser.

Por difícil que seja, esta emancipação conceptual deve ser buscada. Ou seja, como ressalta Morin (2011) o *“conhecimento dos problemas-chave, das informações-chave relativas ao mundo, por mais aleatório e difícil que seja, deve ser tentado, sob pena de imperfeição cognitiva”* (p. 33). Contrariamente, o encolhimento da linguagem e dos currículos, entre outras formas, nas condições extremas, produzem “deficientes cívicos”, que ficam ao serviço de quem os pode ser útil e funcional e não necessariamente movidos por uma finalidade teleológica moral, ética e social. Quando assim é, estamos diante de uma máquina de guerra mais eficiente e letal do que qualquer outra utilizada pelo colonizador contra o desenvolvimento das sociedades sob o seu domínio.

## Referências

- AMIN, Samir. **Neo-Colonialism in West. Africa.** Penguin African Library, 1964.
- BIGO, Pierre. **L’Eglise et la révolution du Tiers Monde.** Paris: P.U.F., 1974, 285 p.
- BOURDIEU, P. **O poder simbólico.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- BUCKLAND, M. K. Information as thing. **Journal of American Society for Information Science**, v. 42, p. 351 – 360, 1991.
- CAPURRO, R. Epistemologia e ciência da informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5, 2003. **Anais...** Belo Horizonte: ANCIB, 2003. Disponível em: [http://www.capurro.de/enancib\\_p.htm](http://www.capurro.de/enancib_p.htm). Acesso em: 23 de Abril de 2024.
- CAPURRO, Rafael; HJORLAND, Birger. O Conceito de Informação. **Perspect. em C.I.**, v. 12, n. 1, p. 148 - 207, jan./Abr., 2007.
- CARVALHO, M. F. C. de; MATEUS, C. A. **Fake News** e desinformação no meio digital: análise da produção científica sobre o tema na área de Ciência da Informação. In: ENCONTRO REGIONAL DOS ESTUDANTES DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO, GESTÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO DAS REGIÕES SUDESTE, CENTRO OESTE E SUL (EREBS), 5, novembro de 2018. **Anais...** Belo Horizonte, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/moci/article/download/16901/13660/48002>. Acesso em: 11 de Abril de 2024.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder.** 25. ed. São Paulo: Graal, 2021.

INE. **Inquérito sobre o Orçamento Familiar-IOF 2022.** Maputo, 2022.

**Inquérito ao Mercado Informal 2021.** Maputo: INE, 2022.

MAZULA, B. **Educação, cultura e ideologia em Moçambique: 1975-1985.** Maputo: Afrontamento, 1995. 247p.

MORIN, Edgar. **Por uma reforma do pensamento.** O correio da UNESCO, v.24, n. 4, Abril, 1996a.

**Os sete saberes necessário à educação do futuro.** 2. ed. rev. São Paulo: Cortez, Brasília, 2011.

MUDIMBE, V. Y. **A invenção de África:** gnose, filosofia e a ordem do conhecimento. Lisboa: Pedago, 2013.

PEIRCE, Charles. **The essential Peirce:** selected philosophical writings. Peirce Edition Project. (ed.) Indiana: Indiana University, Vol. II (1893-1913), 1998.

SILVA, E. A.; SANTOS, R. C.; PEREIRA, V. J. F, et al. Infodemia como um fenômeno complexo. In: CAVALCANTE R. B;

CASTRO, E. A. B. (Org.). **Infodemia:** gênese, contextualizações e interfaces com a pandemia de Covid-19. Brasília: Aben, 2022. p. 22-31 (Série Enfermagem e Pandemias, 7) <https://doi.org/10.51234/aben.22.e10.c03>. Acesso em: 11 de Abril de 2024.

PINTO, Júlio. **1, 2, 3 da semiótica.** Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1995. 9p.

WALLERSTEIN, Immanuel. **The Capitalist World-Economy.** Cambridge: Cambridge University Press, 1979.

ZAMMATARO, A. F. D.; CUNHA, S. S. da; SANTOS, C. R. dos; ALBUQUERQUE, A. C. de. Os paradigmas da Ciência da Informação e as contribuições do paradigma social à organização e representação do conhecimento. In: COLÓQUIO EM ORGANIZAÇÃO, ACESSO E APROPRIAÇÃO DA INFORMAÇÃO E DO CONHECIMENTO, 5, 2021.

**Anais...** Londrina: UEL, 2021. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/cinf/index.php/coaic2021/coaic2021/paper/view/709/548>. Acesso em: 23 de Abril 2024.